

RELATOS DO BULE OU JACARANDÁS NO INFERNO

ACADEMIA E VAIDADE

— Alô?

— Sim, meu caro Doutor Segismundo. Espero que não me venha prender... Já recebeu o meu verbete? A culpa é sua... Sabe que eu não tenho papas na língua... – disparou, sem deixar falar o outro, o nosso arquiteto Guilherme.

— Sim, claro, Arquiteto Guilherme. Muito obrigado. Recebi bem, lemos, e aqui na redação estamos... numa apreensão feliz.

— Como assim?

— Não sabemos quão violenta será a reação dos vários públicos, mas estamos felizes porque, como tínhamos previsto, o artigo diz coisas que muitos pensam e não ousam dizer, ou pior: pensa coisas que alguns nem pensar se atrevem.

— Presumo então que isso é um elogio... – disse, com ar de alguma ironia.

— Sim, sem dúvida – falava com uma voz larga e sorridente... E continuou:

— Não só elogio, como luz verde para continuar. Será que lhe poderíamos pedir mais um? É que, confessamos, tivemos uma falha de última hora... Um colega, digamos, mais timorato...

— Diga, meu caro. Já que comecei, não terei decerto muito a perder...

— Será que poderia escrever sobre “A Vaidade e a Academia”?... – disse, a medo.

— Sempre temas difíceis, não é? – riu-se Guilherme...

— Não vejo melhor pessoa para tratar o tema... Aliás, não vimos senão o meu Caro Colega. A nossa escolha inicial fora realmente um erro de *casting*... Mas fica entre nós, claro.

— Pode contar com o texto para amanhã. Preciso de espairer das muitas provas que tenho para classificar, e vou já dedicar-me a isso... Mas não posso prometer coisas profundas, apenas uns tópicos.

— Fique à vontade, temos a certeza de que sairá muito bem. E quando tiver corrigido esses pontos, não quero deixar de ir almoçar consigo à... como era o nome?

— Esperancinha...

— Isso mesmo. Fica combinado. Na Esperancinha. Até breve, e muito obrigado.

— Até breve. Eu é que agradeço.

De novo de um rompante, Guilherme senta-se ao computador:

Lass. E ele abriu-se, como a caverna de Ali Babá... Espreitei este texto por cima do seu ombro:



PAULO FERREIRA
DA CUNHA

VAIDADES ACADÉMICAS

Protagonismos e Clubes de Fãs

Uma das coisas mais nocivas nos meios científicos, académicos e afins, e certamente pior ainda nas áreas menos “duras” ou “exatas”, é a vontade sôfrega e insensata de descobrir pólvoras e de criar escola (fundamentalmente para se ser reverenciado como “cappo di scuola”, claro). É clássica a vontade de alguém se ver chamado “rabi”... Alguém escreveu que tudo se faz, em alguns meios, e certamente por maioria de razão nos académicos, apenas pela vaidade de se vir a ser chamado “mestre”, rabi.

O *señorito* ou a *señorita* (*satisfechos*, como dizia Ortega y Gasset, que tão bem aludiu a esse “tipo ideal”) veem-se ao espelho pela manhã e acham que fizeram graus académicos muito prestigiosos (sabe-se lá com que água benta passaram, enfim...), olham enamorados a sua própria tese ou dissertaçãozinha, vestem e posam com as suas vestes talares... mais ricas que as que usava Maquiavel no seu desterro doméstico. Mas ainda muito mais importante que isso é a verdade apodítica (em que sinceramente creem) de que são uns sábios, uns génios, uns desbravadores! Pois não o dizem todos os seus amigos? Não se sentem obrigados a fazer coro com eles os que ouviram dizer? São assim os ventos das famas...

É curioso como as famas são contextuais. Muito contextuais. Fora do seu círculo de conhecidos, o grande mestre é um paisano normal. Francisco Puy viu-o certamente: autores estrangeiros citados no original (sobretudo, dizemos nós, se a língua for esotérica) parecem génios. Deixam, contudo, de o ser se forem traduzidos. Um estrangeiro traduzido perde muito da sua aura. É como a missa ter deixado de ser rezada em Latim, como recordava uma canção de Georges Brassens.

O grande problema são as genialidades produzidas pelos *media*, que aliás tanta inveja causam aos académicos de tarimba, que fizeram sempre os graus todos, mas não são chamados para as televisões, rádios, jornais,

ou não conseguem fazer-se chamar... Essas glórias mediáticas, que muitas vezes realmente nem precisam nada de ter calcorreado a via sacra da carreira académica, alguns até ajudadas por famas laterais, essas são uma espinha entalada na garganta das instituições que outrora detinham o monopólio da certificação do talento e do génio. E é evidente que umas vezes promovem muito bem, outras vezes medianamente, outras vezes nem por isso. Não se trata de algo diferente do normal errar ou acertar das decisões humanas, demasiado humanas...

Independentemente das famas mais globais ou mais provincianas, há casos dolorosos de pseudo-inteligências, pseudo-genialidades... Em duas palavras de cavaqueira no café, lembram-se de uma teoria qualquer (se a não “plagiaram” em autor de língua mais ou menos difícil – hoje até línguas antigamente correntes passaram a difíceis – ou até morto há uns bons tempos), dão-lhe (na melhor das hipóteses) uma rápida pintura de fresco, e põem-se a pregar, com imensa pose. Desunham-se em eventos, em publicações, em mediatismos... Cada aluno seu, se os tiverem, é um missionário da sua pretensa Boa Nova, que irá (cuidam eles: mas o curioso é que podem até ter razão, tal a evanescência e inconsistência das coisas outrora sólidas) revolucionar aquela disciplina.

Alguns poderão querer facilmente boa nota e acharão que brilharão um pouco mais com a luz refletida de um mestre importante e conhecido. Dar fama ao mestre é dar fama a si mesmo. E depois lá estão as redes internacionais, o elogio mútuo, e a dimensão de extensão, etc. e tal...

Temos lido e relido a este propósito autores tão distintos (mas todos de algum modo críticos) como Kant, Deleuze e Warat e achamos que ainda um dia escreveremos detidamente sobre o Protagonismo dos autoproclamados Grandes Senhores do Saber... Isto se alguém não vier a fazê-lo já daqui a um par de horas, que essa gente é mais rápida que a própria sombra... E qualquer ideia serve para ser pirateada. Ou, sejamos simpáticos, “glosada”...

Esqueceu-se completamente que a *docilitas* e a *humilitas* são virtudes académicas por excelência... Afinal, não é mais que a luta feroz ▶



do “ultraliberalismo” (chamemos-lhe assim, seguindo um pouco o uso, e à falta de melhor expressão) predador¹ aplicada aos velhos lugares do Saber... E como eles se ressentem dessa lógica, tão distante das suas preocupações... O problema não é a adaptação às novas tecnologias e a uma ou outra nova pedagogia verdadeiramente útil: o problema é deitar para o caixote do lixo da História toneladas de saber e de espírito universitários, trocando-os por nada, ou apenas por fogo de vista e demagogia. Há gerações novas que não supõem, não adivinham sequer o rigor, o trabalho, a subtileza do labor universitário quando ele era uma paciente e sábia artefaria, e não uma trasladação mais ou menos feérica de ossadas... É uma pena perderem-se muitos valores que não degustaram esse amor pelo saber, pela dialética, pela experimentação, pela investigação... por puro desconhecimento decorrente de ausência de transmissão. Assim, há muitos, até com valor não despertado, que acham que pesquisar é ir consultara a Wikipedia (que não tem culpa) e fazer um trabalho de pesquisa colar pedaços de Wikipedias...

A grande mágoa é que antes tínhamos a esperança de que na sombra, no silêncio, no recato, retiro, recolhimento, haveria realmente sábios que seriam descobertos um dia, e sairiam, meio cegos com as luzes da ribalta, algo balbuciantes, na sua *modéstia*... Alguma vez haverá interesse em procurá-los? Receia-se agora que, como vaticinou um grande professor francês, os bons já tenham passado a fazer “un autre métier”... Nunca a atenção dos donos da fama poisaria nesses Zés-Ninguém malvestidos, mal falantes, politicamente incorretos, realmente só dedicados ao estudo... Que interessa isso perante os sinais exteriores que se devem cultivar?

É necessário muito comedimento, prudência, diplomacia, e elegância até, no *modus vivendi* académico. Se não se quer ser um bárbaro, um bruta-montes. A academia por vezes sofre este tipo de personagens, mas em geral acabava sempre por os vir a trucidar, com o tempo. Pelo menos apagando-os da memória, ou retendo a sua passagem pelos seus claustros como de crise e de doença. A Universidade não é mesmo para gente tratante, belicista, ou supersticiosa – apesar de

haver casos... Tem que haver um certo desinteresse material, uma subtileza que dulcifique até os conflitos mais agudos (e entre académicos há-os, desde logo pelas vaidades feridas), e um sentido crítico e científico incompatível com meras crenças dogmáticas.

Em tudo na academia é necessária alguma subtileza, alguma leveza, alguma sagacidade. A linha reta nem sempre é aí a distância mais curta entre dois pontos. Certamente que nunca o será. E daí que seja de boa política a proscricção de exageros, histrionismos, subjetivismos desmesurados, paixões ao rubro (mesmo sem quaisquer conotações políticas, entenda-se...).

Até nas homenagens, nos prémios, nos louvores, o comedimento é a regra. Acaba por se pensar que uma apologia ou um panegírico excessivos se viram contra a teoria ou a pessoa que se pretendem enaltecer. Por isso é que em algumas universidades mais modernas, ou à volta delas, quando há a tentação de enaltecer mestres como se fossem semideuses, de aclamar publicações como as novas sumas da ciência definitiva, os universitários mais experimentados, e educados na velha escola, não podem deixar de sorrir, complacentemente. Ou sorrir para dentro. E, se puderem, retirar-se.

A Universidade já viu muitas modas, muitas glórias, muitos grandes chefes de escola, muitas vedetas, muitos best-sellers. E tudo isso, ou quase tudo, passou, para dar lugar a novas chefes de escola, novas glórias e novas modas. O que ficará dos entusiasmos dos epígonos será muito pouco.

Não quer dizer que o que o tempo, esse grande escultor, para retomar o conhecido título de Yourcenar, tenha sempre razão. Não quer dizer que haja selecionado o excelente e olvidado o medíocre. Sabemos que os vencedores sempre contam a História à sua maneira, *pro domo*. E também há vencedores e vencidos na História académica. Mas em geral quando uma claqué de discípulos torce muito furiosamente por uma teoria ou por um mestre, é de desconfiar. Até porque os grandes mestres proibem mesmo os seus discípulos de alardes e propagandas. Alguns, confessamos, precisam de ser mais enérgicos nessas proibições, porque o carnaval de



1

O Professor Doutor Adriano Moreira, como é bem sabido um dos pais fundadores da Democracia Cristã portuguesa, chama-lhe “neoliberalismo repressivo”. Cf. “Jornal i”, ed. online: <http://ionline.sapo.pt/275628> (consultado a 12 de novembro de 2016). V. ainda, agudamente, TZITZIS, Stamatios. *Crise économique, souveraineté populaire et droits sociaux*. Annuaire International des Droits de l’Homme. vol. VII, 2012-2013, p. 505 ss..



FOTO: DESIGNED BY FREEPIK

glórias em que se anda nas redes sociais acaba por ser uma cortina de silêncio para o *decorum*. E mesmo os melhores caem nisso... A feira das vaidades é imparável. Ao mesmo tempo que a qualidade, a qualidade mesmo (afora alguns brilhos tecnocráticos inegáveis) se afunda.

Lição a colher: Em matéria académica, os superlativos são quase sempre sinal de pés de barro. A verdade científica é substantiva. Até os adjetivos estão a mais. Desconfiemos dos excessos. E desconfiemos muito do epigonismo.

Logo que vires: “O melhor professor do mundo”, “o mais brilhante doutor de todo o sempre”, “a tese mais profunda da Humanidade” e coisas do género, puxa logo do pensamento crítico e desconstrutor. A modéstia é o maior *teste do algodão*...

Lembro sempre daquele diretor que, há muito tempo, se diz ter sido confundido com um contínuo por um estudante boémio, recém-chegado à Faculdade depois de uma noite de dissipação... A fama do docente era de génio. Mas era dessas famas apesar dele próprio e do seu marketing negativo à sua pessoa. Um génio, modesto e diretor, e tão “invisível” que foi confundido com um contínuo: que combinação!

Algumas Novas Vagas Teóricas

O novo-vaguismo intelectual (que talvez se devesse chamar “novo riquismo intelectualista”) é uma das doenças do crescimento das instituições e das ocupações intelectuais. Felizmente para a sua terapêutica temos a sorte de evidenciar alguns tipos facilmente identificáveis:

1) Ignora a tradição e desde logo os autores nacionais, salvo se forem gurus da sua capelinha, e mesmo os da própria língua noutros continentes só os suporta se forem gurus de gurus. Mas mesmo aos que respeita não faz nada por entender.

2) Paralelamente, preza à partida qualquer autor de segunda ordem estrangeiro, e tanto quanto possa o *bluff* aguentar, de preferência tanto mais quanto mais remota for a língua - mas não tanto que possa ser muito apanhado no seu desconhecimento ou acusado de exotismo. É bom que a língua tenha tradutores em quantidade que permitam o bluff da leitura direta do original.

3) Como divindade das divindades, elege uma celebridade estrangeira e contemporânea (mas de preferência morta há algum tempo, não vá haver desmentido autêntico: risco aliás diminuto), que já tenha uma legião de sequazes muito razoável, o que permite ter uma rede internacional de contactos e elogio mútuo, citação mútua, convite mútuo ▶



FOTO: DESIGNED BY FREEPK

Novo-riquismo pseudointelectual

Andamos muito complacentes com o novo-riquismo pseudointelectual.

Se já não se pode perdoar num jornalista nem num simples opinador a confusão de fontes e de atribuições autorais (obviamente ninguém irá dar exemplos que lhe poderiam custar a cabeça...), o “vol d’oiseau” (não, não é Lavoisier...) geográfico (por exemplo: Portugal e Espanha é tudo o mesmo...), a deturpação de filiações e significados,

e edição mútua. Porém, nem sempre tira partido cabal disso, porque por vezes há noutras latitudes discípulos sinceros, sérios e de qualidade, que rejeitam, quando as conhecem, as contrafações.

4) Despreza em absoluto os autores dos séculos anteriores (no nosso caso, o XIX já é pré-história) e aos clássicos trata como se fossem bárbaros ignorantes. Acredita que há coisas ultrapassadas, que são todas as que não viveu e não conhece – e que não por acaso são multidão. No que, evidentemente, vai muito mais longe que qualquer guru que pretende seguir. As suas afirmações dogmáticas e contundentes, agigantadas de levarem embrulho ideológico aguerrido, calam qualquer objeção de quem pense: e quem pensa, pelo contrário, tem dúvidas, reticências e normalmente será educado...

5) No fundo, acha que é a si (e com complacência aos seus amigos de café ou sequazes de escola) que cabem as glórias da sua área de conhecimento, e que tudo o mais foram, no máximo, prolegómenos.

6) Vive só infeliz por não ter os loiros que acha merecer (e todos são sempre pouco), mas no resto está contente. Muito contente consigo. *Señorito* ou *señorita satisfecho* ou *satisfecha*. Ainda que possa fazer pose angustiada para as entrevistas... se achar que isso torna a sua imagem mais vendável e cativante. Porque, sejamos claros, grande parte deste tipo de glórias tem a ver com sedução e poder.

a ignorância histórica e desde logo cronológica petulantes (por exemplo, dissertando sabiamente sobre a grande influência de Marx na obra de Rousseau), que dizer de académicos, de universitários, cheios de títulos ou de aspirações a eles, fazendo misturas e confusões de fazer tombar num ápice, de horror e vergonha, as torres das Universidades? E quando dão retumbantes pontapés na Gramática, esses de fazer levantar os mortos dos túmulos?

De par com o turismo académico (em que a academia é só pretexto para turismo – coisa diferente é quem se esforça e aproveita os intercâmbios) gera-se uma socialite do mesmo género, associada a fome e sede de títulos pelo mal e complexo nobiliárquico (ainda que republicanizado na forma) detetado já por Clenardo no séc. XVI². E nessa cavalgada imparável (que é um passeio alegre, acaso se é rico, ou, pelo menos, um bolseiro desafogado) nada se respeita e a Academia é uma enorme coluna social. Apenas as festas e as receções e as intrigas amorosas, típicas da superficialidade do social chique (ou com desejo disso – há muita sofreguidão de aparentar estar-se num patamar superior) são por vezes substituídas por elementos que possuem algo remotamente a ver com o estudo. Comenta-se o novo livro de Fulano como se poderia comentar o penteadado exótico ou o vestido de mau gosto de Beltrana numa festa, ou, realmente, vice-versa. Tanto faz...

E nós a vê-los passar... E a serem levados a sério.



2

CEREJEIRA, Doutor M. Gonçalves. *O Renascimento em Portugal*. I. Clenardo e a Sociedade Portuguesa. 4.ª ed., revista. Coimbra: Coimbra Editora, 1974.

Certamente que jamais fará de novo sentido pensar-se, como se pensou seriamente no passado, que os acadêmicos, os universitários, pertencem à ordem clerical. Não somos mais frades, nem sacerdotes da *Scientia*. Mas alguma coisa nos deveria ficar da humildade (ainda que hipócrita!) desses tempos

medievais em que a Universidade europeia começou. Ainda chamamos às nossas comissões ou assembleias “claustró” ou “congregação”, por vezes. Mas estamos por demais imbuídos de racionalidades economicistas, políticas, e mesmo do mundo do espetáculo. Uns vivem preocupados com o dinheiro, outros com os jogos de poder, outros com as luzes da ribalta.

Sem dúvida que na Universidade são necessárias pessoas que curem de Finanças equilibradas, que haja alguns que precisam de ter em conta algum xadrez político, porque as escolas não fogem ao enquadramento geral, e a luta pelo poder é intrínseca a alguma natureza humana, e finalmente é também necessário mostrar o que se faz, para divulgar as instituições e lhes abrilhantar o prestígio.

Simplemente, estas três preocupações têm dominado, e as três juntas (financeiros-contabilistas, políticos-estrategas e atores-vedetas) acabam por colocar na penumbra os que dão excelentes aulas, pesquisam e criam coisas extraordinárias.

Uma coisa é ser um excelente professor e um exímio investigador, outra coisa é ser um prodigioso mago dos números, um habilíssimo articulador, um popularíssimo ídolo mediático.

Pode ocorrer que alguns acumulem estas características. Mas em geral é difícil... As próprias avaliações do desempenho docente são no mínimo quiméricas ao quererem que se seja bom em tudo...

Correm-se assim riscos de inversão de valores e de famas.

Mas, em todo o caso, o teste do algodão (“o algodão não engana”, dizia o anúncio televi-

“...acabam por colocar
na penumbra os
que dão excelentes
aulas, pesquisam
e criam coisas
extraordinárias”

sivo) é sempre o da modestia com obra. Porque também pode haver modestia imensa que corresponda, afinal, a nulidade de trabalho... Não é essa que louvamos.

Que um ás do desporto, da canção, mesmo de algumas outras artes, se promova com a bizzarria do seu comportamento, isso é normal, é o *épater*

le bourgeois a que nos habituamos. Um académico não deve distinguir-se dessa forma.

E as coisas começam do início. Festas re-tumbantes, em algumas latitudes, são já dadas pelos cartolados e diplomados... no jardim infantil... Perdoa-se pela alegria das crianças? Perdoa-se. E não são eles quem as promove, mas pais entusiasmados. Ora o problema é que a celebração feérica de coisas banais, ao longo de todo o *cursus studiorum*, é um sinal de novo-riquismo e uma banalização, incompatíveis com a seriedade e dureza do estudo. Aliás, inculca-se desde cedo a ideia de que a escola é um jogo, uma festa, e facilidade. Não é: só depois de muito trabalho se *aprende a gostar...*

— Guilherme parou e lembrou-se do seu falecido amigo Francisco, que em todos os graus que fez sempre fugiu de festas e comemorações... “O que é o mundo!” – repetiu a velha frase de Manuel de Figueiredo, o dramaturgo incompreendido. E terminou, amargo:

“— Quem faz um grau ou obtém um título académico depois de severo e honesto estudo quer mais descansar (um pouco: Porque logo irá recommençar) do que celebrar com foguetório e ir logo mandar fazer cartões de visita que atestem o novo grau de nobreza”.

— Decididamente, Guilherme, não sei o que te deu. Nem entendo como esses lá do grupo do Doutor Segismundo apreciam o que escreves. Exagerado, muito exagerado. Perigoso, muito perigoso... Nem sei se não diga que há nessas catilinárias aparentemente tão elitistas, alguma “falta de chá”. Pelo menos, és um desmancha-prazeres. Ai Guilherme, tem juízo!... •